



intrínseca

O LIVRO DOS BALTIMORE

JOËL DICKER

AUTOR DE
A VERDADE SOBRE O
CASO HARRY QUEBERT

**O LIVRO
DOS
BALTIMORE
JOËL
DICKER**

“Talento para a narrativa consiste em dar vida a uma obra de arte. E Dicker é capaz disso.”

VANITY FAIR (ITÁLIA)

“Incontestável.”

LE MONDE

ELOGIOS A *A VERDADE SOBRE O CASO HARRY QUEBERT*

“O best-seller fenomenal de Joël Dicker é uma história de mistério e assassinato brilhantemente intrincada, um hino para a imaginação ilimitada e uma história de amor como nenhuma outra.”

THE GUARDIAN

“*A verdade sobre o caso Harry Quebert* desperta um poder de imaginação raro nos dias de hoje. Dicker escreveu um romance complexo e ambicioso, que alterna entre duas épocas, diferentes pontos de vista e múltiplas intrigas e personagens.”

LE FIGARO

“Prende a atenção do início ao fim. E isso é exatamente o que se espera da boa literatura.”

THE INDEPENDENT

“O livro de Joël Dicker é um labirinto aparentemente sem saída.”

VOGUE (ITÁLIA)

“Uma história familiar monumental.”

EL CULTURAL DE EL MUNDO (ESPAÑA)

“O mesmo Marcus Goldman que investigava a morte de uma menina em *A verdade sobre o caso Harry Quebert* agora lembra a história de seus avós, pais, tios e primos, enquanto sofre de amor.”

EL PERIÓDICO

“O romance francês mais comentado da década, com uma trama de tirar o fôlego e uma história viciante.”

THE TELEGRAPH

“Depois de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, a literatura contemporânea nunca mais será a mesma.”

CORRIERE DELLA SERA

“Um *thriller* que lembra o melhor de Truman Capote.”

PARIS-MATCH

“Um livro dentro do livro, um romance policial e uma história de amor. Extraordinário.”

COSMOPOLITAN (ALEMANHA)

“Dicker tem uma capacidade impressionante de dar ao leitor a sensação de fazer parte da história.”

HUFFINGTON POST (FRANÇA)



**O LIVRO
DOS
BALTIMORE**
JOËL
DICKER

Tradução de André Telles

Copyright © Éditions de Fallois, 2015

TÍTULO ORIGINAL

Le Livre des Baltimore

REVISÃO

Tamara Sender

André Marinho

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D545l

Dicker, Joël, 1975

O livro dos Baltimore / Joël Dicker ; tradução André
Telles. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

416 p. ; 23 cm.

Tradução de: Le livre des Baltimore

ISBN 978-85-8057-976-5

1. Romance suíço (Francês). I. Telles, André. II. Título.

16-35272

CDD: 848.9949403

CDU: 821.133.1(494)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

À sua memória

PRÓLOGO

Domingo, 24 de outubro de 2004
Um mês antes do Drama

Amanhã, meu primo Woody começa a cumprir sua pena. Ele vai passar os próximos cinco anos na prisão.

Na estrada que me leva do aeroporto de Baltimore a Oak Park, bairro de sua infância, onde vou encontrá-lo para seu último dia de liberdade, já o imagino se apresentando diante dos portões da imponente penitenciária de Cheshire, no estado de Connecticut.

Passaremos o dia com ele, na casa do meu tio Saul, onde fomos muito felizes. Hillel e Alexandra estarão presentes, e, juntos, daqui a algumas horas, voltaremos a formar o quarteto maravilhoso que fomos um dia. Nesse momento, não faço a mínima ideia do impacto que essa jornada terá em nossas vidas.

Dois dias mais tarde, recebo um telefonema do tio Saul.

— Marcus? É o tio Saul.

— Bom dia, tio Saul. Como vai...

Ele não me deixa falar.

— Preste atenção, Marcus: preciso que você venha imediatamente a Baltimore. Não me faça perguntas. Aconteceu uma coisa grave.

Ele desliga. A princípio, suponho que a ligação caiu e retorno imediatamente, mas ele não atende. Como insisto, meu tio acaba me atendendo e repete de forma sucinta:

— Venha a Baltimore.

E desliga novamente.

Se você encontrar este livro, por favor, leia-o.

Quero que alguém conheça a história dos Goldman-de-Baltimore.

PRIMEIRA PARTE

O livro da juventude perdida
(1989-1997)

1.

Sou o escritor.

É assim que todo mundo me chama. Meus amigos, meus pais, minha família, até mesmo quem não conheço mas me reconhece num local público e pergunta: “O senhor não é aquele escritor...?” Sou o escritor, esta é a minha identidade.

As pessoas imaginam que um escritor leva uma vida muito tranquila. Ainda recentemente, um dos meus amigos, ao reclamar da duração do seu trajeto diário entre casa e escritório, me disse: “A rigor, você acorda de manhã, senta-se à mesa e escreve. E pronto.” Não respondi nada, certamente abalado ao constatar que, no imaginário coletivo, meu trabalho consista em não fazer nada. As pessoas acham que você fica de pernas para o ar. Na verdade, é justamente quando não está fazendo nada que você trabalha mais.

Escrever um livro é como fundar uma colônia de férias. Sua vida, antes solitária e tranquila, é subitamente chacoalhada por inúmeros personagens que certo dia chegam sem aviso prévio e viram sua rotina de cabeça para baixo. Eles aparecem de manhã, a bordo de um grande ônibus, do qual descem ruidosamente, muito animados com o papel que conseguiram. E você é obrigado a participar, a cuidar deles, alimentá-los, hospedá-los. Você é responsável por tudo. Afinal, é o escritor.

A história que vou contar começou em fevereiro de 2012, quando saí de Nova York para escrever meu novo romance na casa que eu tinha acabado de comprar em Boca Raton, na Flórida. Eu a adquirira três meses antes, com o dinheiro da venda dos direitos cinematográficos do meu último livro e, com exceção de algumas breves visitas para mobiliá-la durante dezembro e janeiro, era a primeira vez que eu ia passar um período mais longo lá. Era uma casa espaçosa, com sacadas envidraçadas e vista para um lago, na beira do qual as pessoas gostavam de caminhar. Ficava num bairro bastante sossegado e verde, habitado basicamente por aposentados ricos,

que destoavam de mim. Eu tinha metade da idade deles, mas escolhi aquele lugar justamente pela tranquilidade. Era o local de que eu precisava para escrever.

Ao contrário das minhas temporadas anteriores, que haviam sido muito curtas, dessa vez eu tinha bastante tempo e fui de carro para a Flórida. Os mil e novecentos quilômetros de viagem não me desanimavam nem um pouco: ao longo dos anos eu fizera inúmeras vezes esse trajeto desde Nova York para visitar meu tio, Saul Goldman, que, após o Drama que afetara sua família, passara a morar no subúrbio de Miami. Eu conhecia a estrada de cor.

Deixei Nova York sob uma fina camada de neve, com o termômetro marcando dez graus abaixo de zero, e dois dias depois cheguei a Boca Raton, onde reinava um agradável inverno tropical. Ao reencontrar aquele cenário familiar de sol e palmeiras, era impossível não pensar em tio Saul. Eu sentia muita saudade dele. Eu me dei conta disso enquanto saía da autoestrada para pegar o acesso a Boca Raton, por mais que minha vontade fosse seguir até Miami para encontrá-lo. O desejo de vê-lo era tanto que cheguei a me perguntar se, nos períodos que já tinha passado ali, eu viera realmente para providenciar meus móveis ou se, no fundo, era uma maneira de reatar com a Flórida. Mas, sem ele, não era a mesma coisa.

Meu vizinho em Boca Raton era um simpático septuagenário, Leonard Horowitz, antigo medalhão em direito constitucional em Harvard, que passava os invernos na Flórida e que, depois da morte da esposa, se entretinha escrevendo um livro que não conseguia começar. Eu o conhecera no dia em que comprei a casa. Ele tocou minha campainha com um engradado de cerveja para me dar boas-vindas, e nossa sintonia foi instantânea. Depois aquilo virou rotina, e, todas as vezes que eu aparecia por lá, ele vinha confraternizar. Estreitamos rapidamente nossos laços de amizade.

Ele gostava da minha companhia, e acho que ficava satisfeito quando eu ia para passar mais tempo. Assim que expliquei que estava ali para escrever meu próximo romance, Leonard me falou imediatamente do seu. Empenhava-se bastante na obra, mas tinha dificuldade para progredir na história. Aonde quer que fosse, levava um grande caderno espiralado, que tinha uma etiqueta em que estava escrito *Caderno nº1*, o que deixava subentendido que havia outros. Eu o via focado naquilo o tempo todo: desde o início da manhã, na varanda de sua casa ou à mesa da cozinha. Também já

o encontrara várias vezes em um café no centro da cidade, concentrado em seu texto. Ele, por sua vez, me via passeando, nadando no lago, indo à praia, correndo. À noite tocava minha campainha e trazia cervejas geladas. Bebíamos na minha varanda, jogando xadrez e escutando música. Atrás de nós havia a paisagem sublime do lago, com as palmeiras ganhando um tom rosado por causa do sol poente. A cada duas jogadas, sem desviar os olhos do tabuleiro, ele nunca deixava de me perguntar:

— Então, Marcus, como vai seu livro?

— Está indo, Leo. Está indo.

Já fazia duas semanas que eu estava lá, quando, certa noite, no momento de comer minha torre, ele hesitou e, num tom de voz subitamente irritado, indagou:

— Por acaso você não veio aqui para escrever seu novo romance?

— Vim. Por quê?

— Porque você não faz nada e isso me irrita.

— E por que acha que não faço nada?

— Ora, estou vendo! Você passa o dia inteiro devaneando, praticando esportes e observando o movimento das nuvens. Tenho setenta e oito anos, eu é que deveria estar vegetando, enquanto você, que mal passou dos trinta, deveria estar trabalhando arduamente!

— O que deixa você tão nervoso, Leo? O meu livro ou o seu?

Acertei na mosca. Ele respondeu com mais delicadeza:

— Eu só queria saber como você faz. Meu romance não avança. Tenho curiosidade de saber como você trabalha.

— Eu me sento nesta varanda e reflito. E, acredite, é um trabalho e tanto. Você escreve para ocupar a cabeça. É diferente.

Ele avançou seu cavalo, ameaçando meu rei.

— Não poderia me dar uma boa ideia de sinopse para o meu romance?

— Impossível.

— Por quê?

— Isso tem que vir de você.

— Em todo caso, peço que evite citar Boca Raton no livro. Não quero que todos os seus leitores venham correndo para cá feito uns otários só para ver onde você mora.

Sorri e acrescentei:

— Não procure uma ideia, Leo. A ideia vem até você. A ideia é um acontecimento que pode surgir a qualquer instante.

Como eu poderia imaginar que era exatamente isso que ia acontecer no momento em que eu pronunciava aquelas palavras? Notei a silhueta de um cachorro vagando pela margem do lago. Um corpo musculoso, porém magro, com orelhas pontudas e o focinho enfiado na grama. E não havia ninguém por perto.

— Parece que aquele cachorro está perdido — falei.

Horowitz ergueu a cabeça e observou o animal.

— Não temos vira-latas por aqui — afirmou ele.

— Eu não disse que era vira-lata. Falei que parece ter se perdido do dono...

Adoro cachorros. Eu me levantei da cadeira, fiz uma concha com as mãos e assobiei para chamá-lo. Ele ergueu as orelhas. Assobiei de novo e ele correu até mim.

— Você está louco? — resmungou Leo. — Como sabe que esse cachorro não tem raiva? Está na sua vez de jogar.

— Não sei — respondi, avançando minha torre distraidamente.

Horowitz comeu minha rainha para me punir pela insolência.

O cachorro se aproximou da varanda. Eu me agachei ao seu lado. Era um macho enorme, de pelo escuro, com uma rodela preta ao redor dos olhos e bigodes compridos como os de uma foca. Apoiou a cabeça junto à minha, e eu o acariciei. Parecia manso. Senti imediatamente um laço se formar entre nós, como um amor à primeira vista, e quem conhece cães entende o que estou falando. Não havia coleira, nada que pudesse identificá-lo.

— Já viu esse cachorro? — perguntei a Leo.

— Nunca.

O cão, após fuçar a varanda, foi embora sem que eu pudesse detê-lo e desapareceu entre as palmeiras e os arbustos.

— Ele parece que sabe aonde vai — disse Horowitz. — Com certeza é de algum vizinho.

Estava nublado naquele fim de tarde. Quando Leo foi embora, um céu ameaçador pairava em meio à escuridão. Um forte temporal não demorou a se anunciar, lançando relâmpagos impressionantes atrás do lago, antes que as nuvens se rompessem e uma chuva torrencial desabasse. Por volta da meia-noite, enquanto eu lia na sala, ouvi latidos na varanda. Fui verificar o que estava acontecendo e, pela porta de vidro,

vi o cão, com o pelo encharcado e uma aparência triste. Abri a porta e ele logo se esgueirou para dentro da casa. Olhou para mim com um ar de súplica.

— Está bem, pode ficar aqui — falei.

Dei-lhe água e comida em duas panelas que improvisei como se fossem tigelas, depois me sentei ao seu lado para secá-lo com uma toalha de banho e ficamos contemplando a chuva escorrendo pela janela.

Ele passou a noite na minha casa. Quando acordei, no dia seguinte, encontrei-o dormindo tranquilamente no piso de ladrilho da cozinha. Improvisei uma coleira com barbante, o que era apenas uma precaução, pois ele me seguia direitinho, e saímos à procura do seu dono.

Leo tomava café da manhã sob o pórtico de sua casa e tinha diante de si seu *Caderno nº1* aberto numa página desesperadamente vazia.

— Quais são as suas intenções com esse cachorro, Marcus? — perguntou ele, me vendo incentivar o cão a subir no porta-malas do meu carro.

— Ele apareceu na minha varanda ontem à noite. Com o temporal, coloquei-o para dentro. Acho que está perdido.

— E aonde você vai?

— Vou colar um aviso no supermercado.

— Você realmente nunca trabalha.

— Estou trabalhando agora mesmo.

— Então não exagere, meu velho.

— Prometido.

Após fixar um aviso nos dois supermercados mais próximos, fui dar uma volta com o cachorro pela rua principal de Boca Raton na esperança de alguém reconhecê-lo. Em vão. Acabei indo à delegacia, onde me encaminharam a uma clínica veterinária. Os cães às vezes recebiam um chip de identificação que permitia encontrar seu dono. Mas não era o caso daquele, e o veterinário foi incapaz de me ajudar. Ele se ofereceu para levar o cão à sociedade protetora, o que recusei, e voltei para casa acompanhado do meu novo parceiro, que, devo dizer, apesar do tamanho imponente, era muito amável e dócil.

Da entrada de sua casa, Leo espiava meu retorno. Ao me ver chegar, precipitou-se na minha direção, balançando vários papéis que acabara de imprimir. Descobrira recentemente a magia da ferramenta de buscas do Google e digitava ao acaso as perguntas que lhe vinham à cabeça. Para um

professor universitário como ele, que passara boa parte da vida nas bibliotecas pesquisando em obras de referência, a magia dos algoritmos tinha um efeito especial.

— Fiz minha pequena investigação — anunciou, como se tivesse acabado de solucionar o caso Kennedy, me entregando as dezenas de páginas que logo mais me fariam ajudá-lo a trocar o cartucho de tinta da sua impressora.

— E o que você descobriu, professor Horowitz?

— Os cães sempre retornam aos seus lares. Alguns percorrem milhares de quilômetros para voltar para casa.

— O que me aconselha?

Leo adotou a postura de um velho sábio ao responder:

— Siga o cão até onde ele o obrigar a segui-lo. Ele sabe aonde vai, você não.

Meu vizinho tinha razão. Decidi tirar a coleira do animal e deixá-lo vagar à vontade. Ele saiu trotando, primeiro para a margem do lago, depois seguiu por uma trilha. Atravessamos um campo de golfe e chegamos a outro bairro residencial que eu não conhecia, margeado pelo mar. O cachorro seguiu pela rua, virou duas vezes à direita e finalmente parou em frente a um portão, atrás do qual vislumbrei uma casa magnífica. Ele se sentou e latiu. Toquei o interfone. Uma mulher atendeu e avisei que tinha encontrado seu cachorro. O portão se abriu e o cachorro correu em direção à casa, visivelmente feliz por ter voltado ao seu lar.

Fui atrás dele. Uma mulher apareceu na escada, e, num impulso de alegria, o animal pulou imediatamente em cima dela. Ouvi a mulher chamá-lo pelo nome: Duke. Os dois trocaram carícias e avancei mais um pouco. Então ela ergueu a cabeça, e fiquei estupefato.

— Alexandra? — consegui dizer.

— Marcus?

Ela estava tão incrédula quanto eu.

Pouco mais de sete anos após o Drama que nos separara, eu a reencontrei. Ela arregalou os olhos e repetiu, exclamando subitamente:

— Marcus, é você?

Eu estava paralisado, zozzo.

Ela veio correndo até mim.

— Marcus!

Num acesso de ternura, segurou meu rosto com as mãos, como se também não acreditasse e quisesse se certificar de que aquilo era mesmo real. Eu não conseguia pronunciar a mais ínfima palavra.

— Marcus — disse ela —, não posso acreditar que é você.

A menos que você more numa caverna, com certeza ouviu falar de Alexandra Neville, a cantora e compositora mais famosa dos últimos anos. Era o ídolo que a nação esperava fazia tempo, a artista que reerguera a indústria fonográfica. Seus três últimos discos venderam vinte milhões de cópias. Pelo segundo ano consecutivo, ela fazia parte da lista das personalidades mais influentes da revista *Time*, e sua fortuna pessoal era estimada em cento e cinquenta milhões de dólares. Era adorada pelo público, adulada pela crítica. Os mais jovens gostavam dela, os mais velhos também. Todo mundo a adorava, a ponto de parecer que os Estados Unidos só conheciam estas quatro sílabas, que o país repetia com amor e fervor: *A-le-xan-dra*.

Ela namorava um jogador de hóquei canadense, Kevin Legendre, que apareceu atrás dela exatamente naquele momento.

— Você encontrou Duke! Estávamos procurando por ele desde ontem! Alex estava uma pilha de nervos. Obrigado!

O rapaz estendeu a mão para me cumprimentar. Notei seu bíceps se contrair enquanto ele triturava minhas falanges. Eu só conhecia Kevin dos tabloides, que não cansavam de comentar seu relacionamento com Alexandra. Ele tinha uma beleza insolente, mais ainda que nas fotos. Olhou para mim com curiosidade e perguntou:

— Já nos conhecemos, não?

— Meu nome é Marcus. Marcus Goldman.

— O escritor, não é?

— Exatamente.

— Li seu último livro. Foi Alexandra quem me recomendou. Ela gosta muito do seu trabalho.

Eu não conseguia acreditar naquela situação. Eu tinha acabado de reencontrar Alexandra na casa do namorado. Sem entender o que estava acontecendo, Kevin me convidou para ficar e jantar, o que aceitei de bom grado.

Grelhamos bifés enormes numa churrasqueira gigante montada na varanda. Eu não acompanhara os últimos passos da carreira de Kevin: ainda achava que ele era defensor do Nashville Predators, mas fora contratado pela equipe do Florida Panthers durante as transferências de verão. Aquela

era a casa dele, em Boca Raton, e Alexandra aproveitara uma pausa na gravação do seu próximo disco para lhe fazer uma visita.

Foi só no fim do jantar que Kevin percebeu que Alexandra e eu nos conhecíamos bem.

— Você é de Nova York? — perguntou ele.

— Sou. Moro lá.

— O que veio fazer na Flórida?

— De alguns anos para cá adquiri o hábito de vir aqui. Meu tio morava em Coconut Grove, e eu costumava visitá-lo. Há pouco tempo comprei uma casa em Boca Raton, não longe daqui. Queria um lugar tranquilo para escrever.

— Como está o seu tio? — perguntou Alexandra. — Eu não sabia que ele tinha se mudado de Baltimore.

Desviei da sua pergunta, me limitando a responder:

— Ele saiu de Baltimore depois do Drama.

Kevin indicou a ponta do garfo para nós sem nem sequer se dar conta.

— Estou sonhando ou vocês dois se conhecem? — perguntou ele.

— Morei alguns anos em Baltimore — explicou Alexandra.

— E parte da minha família morava em Baltimore — acrescentei. — Justamente esse meu tio, com a esposa e os filhos. Moravam no mesmo bairro que Alexandra e sua família.

Ela achou melhor não dar mais detalhes e mudamos de assunto. Após o jantar, como eu viera a pé, ela se ofereceu para me levar em casa.

A sós com Alexandra no carro, claramente percebi o constrangimento mútuo.

— Que loucura o seu cachorro ter aparecido lá em casa... — comentei.

— Ele vive fugindo — respondeu ela.

Fiz a piada de mau gosto:

— Talvez não vá com a cara do Kevin.

— Não comece, Marcus. — Seu tom de voz era categórico.

— Não entre nessa, Alex...

— Nessa qual?

— Você sabe muito bem o que quero dizer.

Ela parou bem no meio da rua e fixou os olhos nos meus.

— Por que fez aquilo comigo, Marcus?

Tive dificuldade para sustentar seu olhar. Ela exclamou:

— Você me abandonou!

— Desculpe, mas tive meus motivos.
— Seus motivos? Não havia nenhum motivo para mandar tudo para o espaço!

— Alexandra, eles... Eles estão mortos!

— E por acaso isso é culpa minha?

— Não — respondi. — Desculpe. Desculpe por tudo.

Houve um silêncio absoluto. As únicas palavras que pronunciei foram para indicar o caminho da minha casa. Quando chegamos, ela disse:

— Obrigada por Duke.

— Eu adoraria ver você de novo.

— Acho melhor pararmos por aqui. Não apareça mais, Marcus.

— Na casa de Kevin?

— Na minha vida. Não apareça mais na minha vida, por favor.

Depois arrancou com o carro.

Não tive coragem de entrar em casa. Eu estava com as chaves do meu carro no bolso e decidi dar uma volta. Fui até Miami e, sem pensar, atravessei a cidade até chegar ao tranquilo bairro de Coconut Grove e estacionei em frente à casa do meu tio. O clima estava ameno, então saí do carro. Eu me encostei no veículo e passei bastante tempo contemplando a casa. Tinha a impressão de que ele estava ali, eu sentia sua presença. Minha vontade era reencontrar o tio Saul, e só existia um meio de conseguir isso. Escrever para ele.

Saul Goldman era irmão do meu pai. Antes do Drama, antes dos acontecimentos que estou prestes a contar, ele era, nas palavras dos meus avós, *um homem muito importante*. Advogado, gerenciava um dos escritórios de melhor reputação de Baltimore, e sua experiência o levava a participar de processos famosos em todo o estado de Maryland. Foi dele o caso Dominic Pernell; foi dele o caso Cidade de Baltimore contra Morris; foi dele o caso das vendas ilegais de Sunridge. Todo mundo o conhecia em Baltimore. Ele aparecia nos jornais, na televisão, e lembro que antigamente eu ficava impressionado com tudo isso. Ele se casara com a paixão da sua juventude, que se tornou minha tia Anita. Aos meus olhos de criança, ela era a mulher mais bonita e a mãe mais carinhosa do mundo. Médica, era uma das chefes da ala de oncologia do Hospital Johns Hopkins, um dos mais renomados do país. Os dois tinham um filho maravilhoso, Hillel, um doce de menino, dotado de uma inteligência acima da média, com alguns meses de diferença da minha idade e a quem eu tratava como um irmão.

Os melhores momentos da minha juventude foram os que passei com eles e, durante muito tempo, bastava ouvir seus nomes para me encher de orgulho e felicidade. De todas as famílias que eu conhecera, de todas as pessoas que eu encontrara, para mim eles eram os melhores: mais felizes, mais realizados, mais ambiciosos, mais respeitados. Por muito tempo a vida me mostrou que eu tinha razão. Eram pessoas de outra dimensão. Eu ficava fascinado com a facilidade com que desbravavam a vida, encantado diante da sua exuberância, subjugado diante de sua desenvoltura. Eu admirava a aparência, os bens, a posição social deles. A mansão, os carros de luxo, a casa de veraneio nos Hamptons, o apartamento em Miami, suas tradicionais férias em março para esquiar em Whistler, na Colúmbia Britânica. A simplicidade e a felicidade deles. A gentileza comigo. A superioridade magnífica, que fazia com que fossem admirados com naturalidade. Não atraíam inveja: eram incomparáveis demais para serem invejados. Tinham sido abençoados pelos deuses. Por muito tempo, acreditei que nunca aconteceria nada a eles. Por muito tempo, acreditei que seriam eternos.

Marcus Goldman teve uma juventude inesquecível em Baltimore ao lado dos primos e dos tios, a parte bem-sucedida de sua família e que ele tanto admirava. Mas a felicidade aparente não condizia com a realidade, e o dia do Drama marcou o destino fatídico e inesperado daqueles que ele mais amava.

Oito anos depois, Marcus ainda tenta montar o quebra-cabeça do Drama, lidar com as consequências e entender o que aconteceu. Desencavando o passado, reacendendo paixões e desvendando mistérios, ele decide escrever sobre a família em seu próximo romance, numa tentativa de se libertar dos antigos ressentimentos e redimir aqueles que foram punidos pelos infortúnios da vida.

Rivalidade, traição, sucesso, paixão e inveja: abordando temas presentes na vida de todos nós, Joël Dicker constrói brilhantemente o retrato de uma juventude, destacando a força do destino e a fragilidade de nossas maiores conquistas.

“NÃO SEI QUAL É A MAGIA, MAS, ASSIM QUE COMEÇAMOS A LER, NÃO CONSEGUIMOS MAIS PARAR.”

– LE HUFFINGTON POST (FRANÇA)

“JOËL DICKER CONFIRMA SEU TALENTO COM UM ROMANCE CATIVANTE E INTELIGENTE.”

– TRIBUNE DE GENÈVE

ISBN 978-85-8057-976-5



9 788580 579765

www.intrinseca.com.br

